

Enrique Pichon Rivière é um suíço, nascido em Genebra no começo do século, em 25 de junho de 1907. Imigra para a Argentina com sua família em 1910, quando tem apenas três anos. Não se conhecem as causas da imigração desta família composta por Alfonso Pichon e Josefina de la Rivière e mais cinco filhos. As razões da imigração familiar costumam ser atribuídas a estórias que constituem o mistério da família Pichon Rivière (1) mas coincide com um momento histórico em que o governo argentino fomentava a imigração de europeus para o país, dando-lhes todo tipo de facilidades, inclusive outorgando-lhes terras, como ocorreu no caso da família Pichon Rivière: o Estado lhes outorgou terras no Chaco, zona de bosques e tropical, apta para o desenvolvimento do algodão.

O fato é que o pequeno enrique se encontra com o desafio de pertencer a uma família culta, característica da racionalidade francesa, proveniente da burguesia do sul da França. Seus pais eram progressistas, promulgavam idéias socialistas e eram admiradores dos poetas malditos de sua época (Rimbaud e Baudelaire). Esta família vive em um contexto selvagem de cultura guarani, com uma forte marca mágico-animista, como toda cultura crioula latino-americana.



- Enrique Pichon Rivière (1907-1977)

esta situação em que enrique Pichon Rivière deve articular dois universos tão diferentes, marca-o para sempre. Já adulto, como profissional e intelectual de sua época, sempre procurará articular diferentes campos problemáticos. Como estudante de medicina, problematiza seu saber a partir das modernas concepções sobre o psicossomático. Estudando psiquiatria, nela inclui todos os desafios da psiquiatria dinâmica, como psiquiatra articula todos os desenvolvimentos da psicanálise e como psicanalista, convida seus colegas a trabalhar no hospital, o hospício, com a psicose, e assim por diante. Aos 19 anos, em 1926, chega a Buenos Aires, capital da Argentina, proveniente de Corrientes, província onde vivia. Buenos Aires, como metrópole de uma modernidade periférica, (2) o fascina. Vive no centro da cidade, convive e participa ativamente do movimento dos intelectuais de vanguarda de sua época. Neste sentido podemos dizer que enrique Pichon Rivière é um pensador moderno que pertence ao grupo de intelectuais vanguardistas de nosso país do princípio do século. A essa geração pertenceram, com todas as suas diferenças estéticas e políticas, Jorge Luis Borges, Roberto Arlt, os irmãos Tuñon, Victoria Ocampo etc, alguns com ideologias mais burguesas e outros, socialistas, mas todos tendo em comum sua condição de vanguardistas.

O espectro de interesses de Pichon Rivière é amplo, não só se interessa pela

vanguarda do conhecimento científico e técnico, como também artístico, fundamentalmente plástico e literário. É um crítico de arte sumamente agudo, admirador do surrealismo, de Picasso e investigador da obra do Conde de Lautreamont, precursor do dadaísmo e do movimento surrealista. Como profissional, é pioneiro absoluto na introdução da psicanálise no campo "psi" argentino da psiquiatria dinâmica. É fundador da APA (associação psicanalítica argentina), possibilita a psicanálise de crianças, da psicose, a investigação de enfermidades psicossomáticas, a psicanálise de grupo, a análise institucional, o trabalho comunitário.

Enrique Pichon Rivière foi muito mais do que um profissional especializado. Sua atividade pioneira e sua produção teórica influenciou o pensamento científico e cultural da Argentina.

Em 1977 festejamos os "primeiros setenta anos do mestre" e o público que encheu o teatro era bastante heterogêneo. Foi homenageado por psiquiatras, psicanalistas, psicodramatistas, psicólogos, comentaristas esportivos, historiadores, antropólogos, atores, dramaturgos, artistas plásticos, poetas do tango, músicos, recebeu cartas de felicitações de todas as partes do mundo. Apesar da heterogeneidade, todos reconheciam em Enrique Pichon Rivière seu mestre (3).

Sabíamos de alguma maneira que esse aniversário era uma despedida e de fato, poucos dias depois, falecia, em 16 de julho de 1977.

Contexto de descoberta

Sendo psiquiatra e psicanalista no hospício de Las Mercedes de Buenos Aires, Enrique Pichon Rivière descobre que pode encontrar o código, o sentido dos delírios e sintomas psicóticos de seus pacientes, na estrutura familiar. Ou seja, que a chave das significações específicas desse paciente é possuída pela família, essa estrutura que transcende a individualidade e que tem efeitos constitutivos sobre a mesma. Enrique Pichon Rivière descobre um novo campo de investigação, conceitualização e intervenção que transcende o discurso do paciente. Propõe a passagem da psicanálise à psicologia social. Enrique Pichon Rivière descobre um novo continente, porém não no sentido de território a ser conquistado, ou mesmo de um lugar para se viver, mas como um lugar de produção. Para ele, os conceitos teóricos são conceitos instrumentais para apreender a realidade e sobre ela intervir. É um conceito similar ao que será proposto, anos depois, por Michel Foucault, com sua teoria da caixa de "ferramentas".

Isto o leva a propor que para além do campo específico da psicanálise está a psicologia social como âmbito de investigação dessas tramas vinculares que, transcendendo a subjetividade, criam condições para a sua própria produção.

O ECRO de Enrique Pichon Rivière

No curso de duas décadas, ao longo de sua obra, visualiza-se a progressiva elaboração de sua posição teórica. Em 1960, Enrique Pichon Rivière enuncia explicitamente seu Esquema Conceitual Referencial e Operativo, publicando muitos artigos em três volumes de sua obra denominada: "Da psicanálise à psicologia social" e que têm como subtítulos "A psiquiatria, uma nova problemática", "O processo grupal" e "O processo criador". Posteriormente publicará "Psicologia da vida cotidiana". A última produção articulada de seu ECRO dar-se-á em 1976, em "Conversações com Enrique Pichon Rivière" de Vicente Zito Lema.

Tomaremos fundamentalmente a última de suas produções. Em seu capítulo VI, Pichon Rivière diz: "defino o ECRO como um conjunto organizado de conceitos gerais, teóricos, referidos a um setor do real, a um determinado universo de discurso, que permite uma aproximação instrumental ao objeto particular (concreto). O método dialético fundamenta este ECRO e sua particular dialética".

A respeito da psicologia social sustenta: "A psicologia social que postulamos tem como objeto o estudo do desenvolvimento e transformação de uma realidade dialética entre formação ou estrutura social e a fantasia inconsciente do sujeito, sustentada sobre suas relações de necessidade". Ou seja, o objeto de sua psicologia social é o de explicar como a estrutura social chega a se tornar fantasia inconsciente. Indaga sobre os processos de constituição da subjetividade a partir da macro-estrutura social. O ECRO pichoniano está constituído por três grandes campos disciplinares que são as ciências sociais, a psicanálise e a psicologia social. Estas três disciplinas constituem os três sustentáculos principais de seu marco conceitual.

Isto constitui a condição de interdisciplinariedade de sua psicologia social. Toma da psicanálise seu conceito de inconsciente, seu conceito de desejo que re-traduz como necessidade, não no sentido psicanalítico, mas como a necessidade que se transforma a partir da prática social que Marx postula na "A ideologia alemã". A psicanálise lhe permite pensar a eficácia das identificações vinculares inconscientes na constituição do esquema referencial subjetivo que opera como esse "conjunto de experiências, conhecimentos e afetos com os quais o indivíduo pensa e faz" e que lhe permite operar no mundo (que não é o mundo, mas esse campo, nos termos de P. Bourdié, ou cultura particular na qual está socialmente inserido). A psicanálise também lhe possibilita uma compreensão acabada das vicissitudes subjetivas nos processos de mudança.

As ciências sociais lhe oferecem como contribuição essa concepção macro que lhe permite pensar o sujeito situado e sitiado em uma relação instituído-instituente na estrutura social e na cultura a que pertence.

Da psicologia social toma, fundamentalmente, as concepções de George Mead, e, com relação aos aspectos teóricos-técnicos da dinâmica grupal, as de Kurt Lewin e seus seguidores, como Lippit e Wight.

Como tudo o que coloca Pichon Rivière a partir de sua concepção dialética, esse ECRO é um sistema aberto não somente ao diálogo com outras produções teóricas, mas, também, aberto à praxis.

Método dialético

enrique Pichon Rivière adere ao método dialético em sua concepção do vir-a-ser da natureza, da sociedade e do conhecimento como um processo contraditório e de mudanças que implicam irreversibilidade através de saltos qualitativos.

Se tomamos em conta sua concepção de sujeito, Pichon Rivière o concebe não numa relação harmônica com sua realidade social, mas numa permanente relação mutuamente transformadora com o mundo. Seu "implacável interjogo" implica numa inevitável transformação do mundo, fundamentalmente vincular e social, para o sucesso na realização de seus desejos e propósitos, realização que, por sua vez, terá efeitos de transformação do sujeito. Isto comporta pensar a relação sujeito-mundo como uma relação conflitiva e contraditória.

Daí sua valorização da praxis. A praxis é o que permite a seu ECRO permanecer como sistema aberto a progressivas ratificações e retificações. A praxis é o que valida o modelo teórico. Ele sustenta que a praxis é a que permite ajustar o modelo teórico, o esquema conceitual, à realidade. Pichon disse que a praxis "introduz a inteligibilidade dialética nas relações sociais e restabelece a coincidência entre representação e realidade".

Concepção do sujeito

Este ECRO pichoniano concebe o sujeito como partindo de uma ineludível condição de sujeito social, num implacável interjogo entre o homem e o mundo. Pichon Rivière escreve: "O sujeito não é só um sujeito relacionado. é

um sujeito produzido. Não há nada nele que não resulte da interação entre indivíduos, grupos e classes". Isso significa que o sujeito nasce com uma carência fundamental que é a ausência de todo um "pacote" instintivo que o fixe e o ligue com certeza ao seu habitat. Isto faz com que o campo simbólico seja o ineludível campo de constituição da subjetividade.

Berger e Lukman são dois sociólogos da corrente do interacionismo simbólico que afirmam que o homem ocupa uma posição peculiar dentro do reino animal e dos mamíferos superiores. O homem não possui ambiente específico para sua espécie, a relação do homem com seu ambiente se caracteriza pela sua abertura para o mundo. Os instintos do homem, se comparados com os dos mamíferos superiores, são subdesenvolvidos. Seus impulsos são inespecíficos e carecem de direção.

A subjetividade se constitui, então, no campo do outro. O outro como ser social está ineludivelmente no horizonte de toda experiência humana. Aqui é fundamental o conceito de vínculo, como essa estrutura complexa e multidimensional que abriga sistemas de pensamentos, afetos e modelos de ação, maneira de pensar, sentir e fazer com o outro, que constituem as primeiras sustentações do sujeito e as primeiras estruturas identificatórias que darão início à realidade psíquica da criança. Não só a trama vincular a abriga; é condição de sobrevivência deste ser que nasce prematuro, incapaz de sobreviver sem a assistência do outro social: a trama vincular é a própria base ineludível para a confirmação de nossa identidade. Sem a presença do outro se desnuda a fragilidade sobre a qual está constituído o reconhecimento do "si-mesmo" e a identidade do sujeito. Isto o conhecem bem os que implantam, as celas de castigo que costumam devastar seus inimigos mediante a privação de estímulos sensíveis e pela ausência de todo contato humano. Isolados do mundo, tendemos a desmoronar.

O sujeito da psicologia social de Enrique Pichon Rivière é esse sujeito descentrado, intersubjetivo, que se produz no encontro ou desencontro com o outro. (4)

Quando Enrique Pichon Rivière pensa o sujeito, fá-lo em termos de "sistema aberto" (a rigor, não há nada que seja pensado por ele fora dos termos de um sistema aberto: o indivíduo, os grupos, as instituições, as sociedades, o ECRO). E em relação ao sujeito, trata-se de um sistema que não é autônomo em si mesmo, trata-se de um sistema incompleto que "faz sistema com o mundo".

É um sujeito situado e sitiado, que está contextualizado. Não é uma abstração. É um sujeito histórico. Não se trata de O Homem ou A Sociedade. É um sujeito situado e sitiado no sentido de que sua subjetividade é configurada num espaço e num momento histórico social específicos que lhe outorgam todo um universo de possibilidades mas que significa para ele, por sua vez, um certo estreitamento das possibilidades de representação simbólica.

Conceito de vínculo

O ser humano nasce numa trama vincular que no melhor dos casos, fica aguardando sua chegada com um nome para lhe dar e um acúmulo de expectativas e de desejos. As tramas vinculares humanas são as que sustentam nosso prolongado processo de socialização ou de endoculturação. (5)

Ao outro polo do contexto de constituição dessa subjetividade corresponde, para Enrique Pichon Rivière, o mundo moderno. O mundo moderno se caracteriza por sua condição de mudança, por sua precariedade de sentido segundo Cornelius Castoriadis, o que faz com que este "magma" de significações que constitui o mundo social, em determinado momento histórico, varie.

É nesta sociedade marcada pela mudança que o ser humano deve construir

um marco referencial, um "aparelho para pensar a realidade" que lhe permita posicionar-se e pertencer a um campo simbólico próprio de sua cultura e da subcultura na qual está inserido.

Este esquema referencial, este "aparelho para pensar" nos permite perceber, distinguir, sentir, organizar e operar na realidade. A partir de um longo processo de identificações com traços das estruturas vinculares nas quais estamos imersos, construímos este esquema referencial que estabiliza em nós uma certa maneira de conceber o mundo que, se não fosse assim, emergiria em sua condição desmesurada, de inabarcabilidade e de caos. A característica da modernidade é a mudança e com isso a inevitável modificação do marco referencial com o qual percebemos nossa realidade. Isto faz que Pichon Riviére visualize o sujeito em uma permanente dialética com o mundo, única condição para que este sujeito possa construir uma leitura adequada de sua realidade. A perda desta inter-relação dialética faz com que o marco referencial, a maneira de perceber, discriminar e operar com o mundo se torne anacrônica e, com isso, se perda a possibilidade de uma inter-relação mutuamente transformadora com o meio. O fechamento sobre as próprias referências favorece o deslizamento de velhos fantasmas sobre as relações sociais do presente. A modernidade como momento histórico social faz com que seja ineludível para o sujeito, como condição de saúde, o manter um marco referencial articulado de modo flexível, permeável e com possibilidades de que o sustentáculo de sua inter-relação dialética homem-mundo.

Nesta sociedade concebida como "magma" de significações sociais, Enrique Pichon Riviére distingue diferentes âmbitos. Denomina-os de psicossocial (que corresponde ao indivíduo), sócio-dinâmico (grupos), institucional e comunitário. Estes âmbitos nos permitem visualizar não somente os cenários nos quais o processo de socialização se institucionaliza com o objetivo de produzir as subjetividades que irão reproduzi-la, mas também nos permitem compreender as lógicas distintas, e, portanto, as diferentes metodologias, técnicas e dispositivos de intervenção no momento de operar sobre elas. Os âmbitos são concebidos como interdependentes, como os grandes mediadores da macro-estrutura social na constituição da subjetividade. O vínculo, ou as tramas vinculares nas quais o sujeito está imerso, nunca são elementos isolados: são sempre concebidos como articulação desses sucessivos âmbitos grupais, institucionais e sociais.

É a partir dessas conceituações que aparece Enrique Pichon Riviére em sua condição de gênio, antecipando, já na década de 60, problemáticas que só a partir dos anos 80 aparecem como hegemônicas no campo intelectual das ciências sociais. Nos anos 60 Pichon Riviére afirmava que devemos pensar a subjetividade na sua condição moderna e a sociedade como estrutura em permanente mudança, tendente à fragmentação das significações sociais (6). Por isso colocava que, assim como necessitamos de um esquema conceitual, um sistema de idéias que guie nossa ação no mundo, necessitamos que esse sistema de idéias, este aparelho para pensar também trabalhe como um sistema aberto, que permita sua modificação. É a interação dialética, mutuamente transformadora com o meio, o que guiará a ratificação ou retificação do marco referencial subjetivo. Mas Enrique Pichon Riviére não concebe as modificações do esquema referencial como uma renúncia, mas, sim, como as modificações necessárias para uma adaptação ativa à realidade e para que, frente às mudanças no contexto, os desejos e projetos continuem sendo possíveis.

Todo esquema referencial é inevitavelmente próprio de uma cultura em um momento histórico-social determinado. Somos sempre emissários e emergentes da sociedade que nos viu nascer. Todo esquema referencial é, ao mesmo tempo, produção social e produção individual. Constrói-se através dos vínculos humanos e conseqüentemente, por sua vez, que nos constituamos como

subjetividades que reproduzimos e transformamos a sociedade em que vivemos.

A idéia de transformação também é um núcleo forte deste pensador. Não se trata de descrever ou explicar a realidade, mas, sim, de transformá-la.

Transformação que implicará, também, em transformar-se.

Enrique Pichon Rivière nos situa diante do desafio de pensar-nos como sujeitos marcados pela mudança, insertos numa sociedade que também se modifica permanentemente e que atualmente foi definida como "contexto de turbulência" (Mario Robirosa). Isso nos obriga a pensar o sujeito e a sociedade em condições de criação e mutabilidade. Enrique Pichon Rivière resgata, assim, nossa condição de criadores. Porque não concebe nenhum sistema como fechado e produzido "para sempre", porque todos os sistemas - o sujeito, os grupos, as instituições, os marcos teóricos, seu ECRO - estão abertos à produção das inovações as quais a sociedade nos vai submeter, inexoravelmente, a partir de sua condição de modernidade.

Notas:

(1) Agradava a Enrique Pichon Rivière relacionar a causa da imigração de seus pais ao "mistério familiar" de sua própria família, que foi um segredo para ele até seus 6 ou 7 anos de vida. Tratava-se do fato de que seus cinco irmãos eram seus meio-irmãos, já que seu pai havia enviuvado e tinha se casado em segundas núpcias com sua cunhada, irmã da falecida esposa, sendo ela a mãe de Enrique, seu único filho.

(2) Beatriz Sarlo: "Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920 e 1930" Ed. Nueva Visión.

(3) Angel Fiasché disse "Seus discípulos não foram cortados pela mesma tesoura". Isso é uma prova de seu papel de mestre, de transmissor de um ECRO específico, mas a partir de uma atitude fortemente motivadora da criação, e não da repetição.

(4) Frederico Moura foi o líder estético e cantor de Virus, uma das bandas pop mais importantes da década de oitenta. Morreu de AIDS, jovem, em dezembro de 1988. Disse: "Creio que as pessoas, às vezes, se desesperam na busca da identidade, e a identidade não se busca, transcende-nos. Você flui e, aí, a identidade aparece sozinha. Quando um se impõe essa coisa de buscar a identidade, se autolimita, se fecha dentro de si mesmo e surgem os medos, o medo de pensar, o medo de fantasiar".

(5) Sustém Junger Gergen que devido às mudanças próprias da modernidade, a socialização nunca acaba.

(6) Enrique Pichon Rivière descreve o mundo moderno através da metáfora da feira de diversões com muitos quiosques com diversas lógicas de jogo.

Bibliografia: Enrique Pichon Rivière: Obras completas. Nueva Visión Peter Berger y T. Lukmann: "La construcción social de la realidad" ed. Tusquets P. Bourdieu y L.J.D. Wacquant: "Respuestas" ed. Grijalbo C. Castoriadis: "Los dominios del hombre: las encrucijadas del laberinto" Gedisa J. Gergen: "El Yo saturado" Paidós M. Robirosa: "La Organización Comunitaria" Editado por CENOC. Secretaría de Desarrollo Social de la Nación.

Notas da Tradução:

* Artigo publicado originalmente na página Web

<http://www.geocities.com/Athens/Forum/5396/ecro.html>

da Escuela de Psicología Social del Sur - Quilmes - Argentina, aqui publicado com a gentil autorização da autora. Tradução para o português de Marco A.

F. Velloso 2.000

** Gladys Adamson é diretora da Escuela de Psicología Social del Sur e da Escuela Argentina de Psicología Social.

